# TEMPO, TRABALHO DOCENTE E PANDEMIA: reflexões para o debate

Magda Núcia Albuquerque Dias[1]

Francisca das Chagas da Silva Sousa da Silva[2]

## RESUMO

A pandemia causada pelo vírus Sars-CoV 2 impulsionou transformações no modo de trabalho de muitos docentes das Universidades no país. Situação que tem abalado, sobremaneira, suas condições de trabalho desde meados de 2020, quando muitos tiveram que retornar às suas atividades e foram obrigados a adequarem-se a uma nova modalidade de ensino: o remoto. Ressalta-se a situação de estresse sentida, devido ao convívio diário com perdas individuais ou coletivas em consequência da pandemia. O nosso objetivo é refletir acerca das condições de trabalho dos e das docentes das Universidades do país em meio à pandemia que intensificou a crise econômica em curso. Nesse processo o tempo tem sido um dos dilemas a enfrentar. Tais reflexões serão norteadas pela categoria tempo abstrato produtor de valor (MARX,1983) que determina a produção e reprodução da vida em sociedades capitalistas em crise.

**Palavras-chave**: Tempo abstrato. Trabalho docente. Pandemia.

[1] Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Campus-TIMON, professora efetiva de Sociologia; Doutora em Serviço Social pela Escola de Serviço Social-ESS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; magdadias@professor.uema.br

[2] Aluna bolsista do Programa de Iniciação à docência – PIBIC, graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Timon-CESTI. Franciscasousasilva18@gmail.com

**ABSTRACT**

The pandemic caused by the Sars-Cov 2 virus has spurred changes in the way many professors at Universities in the country work. A situation that has greatly affected their working conditions since mid-2020 when many had to return to their activities and were forced to adapt to a new teaching modality: the remote. The stressful situation felt due to daily contact with individual or collective losses as a result of the pandemic is highlighted. Our objective is to reflect on the working conditions of the country's Universities professors during the pandemic that intensified the ongoing economic crisis. In this process, time has been one of the dilemmas to be faced. Such reflections will be guided by the value-producing abstract time category (MARX, 1983), wich determines the production and reproduction of life in the capitalist societies in crisis.

**Keywords:** Abstract time. Teaching work. Pandemic.

## 1 INTRODUÇÃO

O referido trabalho é fruto da nossa experiência como professora e Chefe de Departamento, lugar que permite acompanhar diretamente todo o processo de adequação dos e das docentes à modalidade de ensino remoto, além de possibilitar elaborar vários questionamentos que refletem, em grande medida, situações vivenciadas em todo o país. É também parte de um trabalho de pesquisa aprovado pelo Programa de Iniciação Científica-PIBIC, na Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Timon que será desenvolvido até julho de 2022.

O questionamento que trazemos para estas reflexões é o seguinte: como o tempo de trabalho docente tem sido impactado pelas condições de trabalho em meio à pandemia? Para aprofundar o debate, necessário se faz compreender a importância

histórica do tempo para as sociedades capitalistas e, assim, discutir acerca das condições de trabalho docente nas Universidades e Centros de Pesquisa. O debate aqui proposto, portanto, tem como referência a forma de produção e reprodução da vida em sociedade cuja esfera econômica determina o modo de vida social intensificado pela pandemia, e que tem modificado sobremaneira a dimensão tempo de trabalho docente. Os principais referenciais teóricos para esta discussão serão Marx (1983) e Moishe Postone (2014) que contribuíram no debate específico acerca da importância do tempo para a dinâmica da vida social.

A referida proposta se alinha com as discussões de resistência a um modelo societário que duramente tem explorado os trabalhadores em seus diferentes postos. Docentes nas universidades e centros superiores sofrem, portanto, os impactos deste momento de pandemia no desenvolvimento de suas atividades laborais e, contra este processo precisam construir estratégias de resistência.

## 2 O TEMPO NAS SOCIEDADES CAPITALISTAS EM CRISE

As sociedades capitalistas se sustentam pela funcionalidade da produção determinada pelo trabalho abstrato produtor de valor. O tempo se torna uma categoria fundamental uma vez que, dentre outros, determina a quantidade de mercadorias que precisam circular no mercado e, desse modo, produzir riquezas; por conseguinte, é mister o seu controle. O trabalho e o tempo, portanto, são categorias fundantes, determinantes das relações sociais cotidianas. A crise, por seu turno, é sempre de superprodução. Aquele momento em que apenas uma parte do ciclo total da produção, que consiste em produção de mercadorias, não se realiza por completo no seu segundo ato, o da circulação. Há uma produção que não é vendida no mercado, portanto a crise é marcada pelo excesso e é intrínseca à natureza das sociedades capitalistas (MARX, 1983).

Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (2020), o termo pandemia, é utilizado quando uma nova doença é mundialmente disseminada, ocasionando adoecimentos e mortes em diferentes continentes, evoluindo de epidemia para algo global. Foi o que ocorreu quando o vírus SARS-Cov-2 se espalhou em todo os países causando a pandemia do Covid-19. É, portanto, uma doença que atingiu o mundo

desde dezembro de 2019 e chegou no Brasil pela cidade de São Paulo em fevereiro de 2020. Desde então a doença vem se agravando e o seu controle ainda não se consolidou, o que tem abalado as sociedades no mundo inteiro. Impactou a estrutura social como um todo, o que impulsionou as organizações sanitárias em todos os países a seguirem os protocolos de biossegurança implementados pela OMS, como o distanciamento social, uso de máscaras, de álcool 70%, dentre outros. A repercussão desta pandemia de graves proporções abalou todos os âmbitos da vida social e não apenas a área da saúde, uma vez que a contaminação se dá por meio da inalação de gotículas quase imperceptíveis que saem pelas vias respiratórias humanas, contaminando pessoas e objetos. Até o presente momento ainda não se tem um quadro favorável de retorno à tão propalada normalidade social. O tempo se tornou um elemento vital contra o combate ao vírus uma vez que as vacinas tiveram que ser produzidas em tempos recordes e os países ainda estão longe de imunizar em massa.

As sociedades capitalistas industriais criaram uma noção de tempo nunca antes desenvolvida na história da humanidade e, por conseguinte, o seu controle, uma vez que, quanto mais rápido as mercadorias são produzidas mais rápido são realizadas no mercado e geram riquezas. O tempo social, portanto, foi construído historicamente em função da geração de valor: tempo é dinheiro! Uma dinâmica que impacta diretamente a vida das pessoas, independentemente de estarem ou não nos circuitos da produção. Se estão nos postos de trabalho a sua atividade depende de um relógio que controla todo o seu tempo, se não estão, o tempo é ocioso, sobra tempo e falta mediação, o dinheiro, para reprodução da vida, daí o ócio criativo (DE MASI,1997), não se realizar. É quase impossível haver trocas sociais sem a mediação dinheiro. Toda a vida é demarcada pelo tempo de trabalho que possibilita a sua reprodução.

Anterior às sociedades burguesas, até meados do século XIV nas sociedades europeias, o tempo estava atrelado aos eventos sociais dominantes, como os trabalhos agrários que eram determinados em função do amanhecer, do anoitecer e das estações do ano. Não havia uma construção de tempo contínuo, esta, era uma variável dependente e não determinante das relações sociais cotidianas, como é o caso do tempo abstrato burguês. As condições para a mudança se iniciam ainda durante a idade média quando as indústrias começam a dar os primeiros passos rumo

à produção em massa de mercadorias. Momento em que houve a necessidade de controlar o tempo de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras. Processo que vai se consolidando na medida em que o lucro começou a ser medido entre o valor pago para os que vendem sua força de trabalho em forma de salários e o valor do custo da produção. Se antes a jornada de trabalho era controlada pelos eventos sociais, considerados o início e o fim do dia, um evento natural, agora o controle estava vinculado à produção e circulação de mercadorias. Transformação que foi se intensificando e fez surgir a hora de 60 minutos consolidada na Europa no século XVII. A partir deste século a forma temporal burguesa se generaliza por toda a Europa e, como já afirmado anteriormente, não se restringe especificamente ao tempo da produção. As sociedades ao se estruturarem a partir da noção do tempo da produção impactam e transformam as relações sociais cotidianas. (POSTONE, 2014). Desde então, o tempo se torna uma variável dependente da estrutura social vigente e, por conseguinte, o impacto que causa na vida dos indivíduos é muito significativo.

As crises, por seu turno, não são eventos extrínsecos à dinâmica do capital, pelo contrário, representam aquele momento de saturação do sistema, que precisa se reorganizar a partir de novas bases e continuar seu processo contínuo de produção e circulação de mercadorias. As crises constituem, portanto, o modo de ser do sistema capitalista (MARX, 1983). Ressalta-se que, para o momento atual do capitalismo, inferimos seu ponto de inflexão a partir, da década de 1970 quando sucessivas crises têm se tornado mais intensas, sobretudo em decorrência da pandemia, que de certo modo, impede que se coloque todas as forças produtivas em funcionamento. Decerto que a crise de 1970 fez surgir o fenômeno do desemprego estrutural e que, parcelas significativas de mão de obra, a partir daquele momento se tornam sobrante, não sendo mais necessárias para o cômputo do capital. No Brasil, durante a pandemia, esta dinâmica se intensificou, quer porque parcelas significativas de mão de obra foram jogadas para fora do mercado de trabalho, o que já estava acontecendo, quer porque o tempo de trabalho daqueles que continuam nos circuitos de trocas capitalistas foi intensificado, sobretudo os informais, desprovidos de garantias trabalhistas, como tem demonstrado as pesquisas (ARAÚJO E BRANDÃO, 2021; COSTA, 2020; KREIN E BORSARI, 2020).

As crises, ressalta-se, ainda que tenham impacto diferenciado entre os que conseguem vender sua força de trabalho, os que vivem na informalidade sem direitos trabalhistas garantidos, ou os que não conseguem vender sua força de trabalho, tem impactado o tempo para todos. Se por um lado sobra tempo para aqueles que estão sem negociar sua força de trabalho, por outro lado, a dinâmica da exploração determinada pelo tempo de produção continua a orientar o trabalho dos que ainda conseguem estar inclusos neste processo, os trabalhadores. No Brasil, com a pandemia, os efeitos negativos do teletrabalho e daqueles que continuaram trabalhando presencialmente durante a pandemia já é visível: a precarização se intensificou (SOUZA, 2021). Dito isso, o trabalho docente também sofreu com os impactos da pandemia.

## 3 O TRABALHO DOCENTE EM MOMENTO DE INTENSIFICAÇÃO DA CRISE DEVIDO A PANDEMIA

O trabalho docente é aqui entendido como uma atividade que envolve preparar e ministrar aulas, corrigir provas, trabalhos, elaborar projetos de pesquisa e de extensão, elaborar artigos, dentre outras atividades de produção acadêmica. Portanto, é uma atividade específica realizada em universidades públicas ou privadas ou em centros de ensino superior. É um trabalho que exige dispêndio de nervos e músculos para sua efetivação, e todo aquele ou aquela que a exerce vende sua força de trabalho em troca de um salário (MARX,1984).

Por ensino remoto se toma como referência o modelo instituído pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA[3], que intercala aula síncrona e assíncrona. O primeiro, com a presença docente, online, durante o período de 50% da sua carga horária semanal por disciplina e, o momento assíncrono, em que o aluno desenvolve atividades que correspondem aos outros 50% da carga horária por disciplina, sem a presença docente. Portanto, quem ministra duas disciplinas de 60 horas, ao invés de passar oito horas semanais na presença dos alunos passa, em

[3] Ver Resolução nº 1446/2021-CEPE/UEMA, que normatiza o ensino remoto nos Cursos de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Disponível em: https://www.prog.uema.br/wp-content/uploads/2016/05/CEPE-1446-2021.pdf

tese, mais horas dedicadas ao trabalho. Sim, afirmamos que em tese, porque muitos docentes que antes utilizavam as mídias para outros fins, agora disponibilizam seu "WhatsApp" para os alunos e, assim, ficam logados direto com os discentes. Este é um momento em que o tempo do professor fica comprometido porque, mesmo que não responda em tempo real, não tem mais controle sobre o momento em que o aluno irá lhe acessar.

Um outro momento em que o docente se encontra com o tempo comprometido é o de preparar aulas e atividades para as atividades síncronas e assíncronas. Se no modo presencial não havia tanta necessidade de preparar slides, jogos, dentre outros, no modo remoto, a maioria se sente na obrigação de prepará-los. Se tornou imperativo o uso de alguma ferramenta de trabalho que não seja apenas sua voz para dinamizar sua aula, uma vez que o aluno está distante e, com certeza irá ficar entediado e o rendimento da aula será mínimo. Não há como se esquivar do uso das tecnologias, por mais simples que sejam. Para preparar materiais para o ensino remoto, o professor precisa de mais tempo do que se fosse preparar apenas sua fala sem mediações tecnológicas.

O momento síncrono também se confunde com o seu tempo de afazeres e descanso, uma vez que é de casa que ministra suas aulas online. Para muitos é bastante invasivo sua residência servir de sala de aula; tem-se ouvido relatos de professores que já não suportam mais o cômodo da casa onde ministram suas aulas. A maioria teve que fazer adaptações em suas residências para atender às exigências do ensino remoto. Ressalta-se ainda, o aumento dos gastos com telefones, computadores, notebooks mais potentes, com energia elétrica, internet, dentre outros. Decerto que encontramos docentes que não estão incomodados em trabalhar em casa, mas, em ambos os casos, estão estressados e sentem falta da interlocução presencial com alunos e seus pares. O certo é que o ambiente da casa se confunde com o ambiente do trabalho o que tem gerado muitos desconfortos e modificado as condições de trabalho. Situação nova para esta categoria que mantinha uma relação direta, presencial com os discentes e que, apesar de seu trabalho não se encerrar apenas em algum espaço físico, agora, ele se inicia e se encerra na sua casa. Este redimensionamento do espaço físico provavelmente comprometeu suas relações familiares, revolucionando a sua forma de trabalho. Casa e trabalho se fundem em um

mesmo espaço, confundindo, portanto, o tempo de atividades laborais, o tempo de lazer, o tempo de estar com a família, dentre outros. Como definir tempo de trabalho e tempo de descanso? Como controlar um tempo em que tudo ocorre em um mesmo espaço físico? O desgaste que este processo tem causado se intensifica pelas exigências sanitárias que obriga a maioria a ficar em casa sob pena de perder a vida. O trabalho, desse modo, se intensifica, ocupa todos os espaços, obrigando os docentes a enfrentarem situações de estresse nunca vivenciados. O capitalismo não se apropria apenas do tempo, mas também dos espaços dos trabalhadores.

O trabalho docente em uma universidade não se restringe apenas à sala de aula, como já foi mencionado, a exemplo, os professores que trabalham em instituições públicas ou privadas que durante a carreira acadêmica têm que somar pontos no currículo para poder, a partir dos regimentos internos da instituição, ou não, como aumentar seus rendimentos e se manter no mercado de trabalho. Os critérios incluem número de disciplinas ministradas semestralmente, participação em bancas de conclusão de cursos, participação em bancas de concursos, publicação de artigos em revistas científicas, elaboração de projetos de pesquisa e extensão, cursar pós-graduação stricto sensu, dentre outros. Ressalta-se que é comum, por exemplo, docentes passarem horas no computador produzindo textos, elaborando projetos em vão. Um tempo de trabalho perdido porque uma vez que um artigo, um projeto não é aprovado, o professor perdeu tempo, gastou energia mental e física sem nenhum retorno. Um bom exemplo é verificar os modelos de fichas de pontuação curricular da Capes, que seguem um padrão quantitativo, ou seja, cada atividade desenvolvida tem um valor real que pode ser expresso em números e vai definir o valor de cada currículo. É comum professores pagarem suas produções para pontuarem seus currículos e ficarem atualizados. Ressalta-se que cada produção, um artigo, um livro, uma participação em congresso, dentre outras, só tem validade por um tempo de cinco anos.

Nesta perspectiva, considerado o momento atual, toda esta dinâmica que perpassa a vida que foi atingida diretamente pelo vírus, atinge o trabalho docente, quando se observa que, visivelmente está sendo sugado pelo “vírus” da dinâmica do capital. Momento de crise em que a mercantilização da vida se intensifica na intenção

do sistema se manter em pé. Obviamente que isto não é nenhuma novidade, uma vez que o processo de mercantilização é o modo de ser desta sociedade.

A este processo os docentes se encontram acorrentados. Muitos até desistem das publicações, dentre outros, tamanha são as exigências e o nível de competição. Ainda que a competição não seja pela produção de mercadorias físicas específicas, mas é para entrar no circuito da produção científica e assim potencializar seu Currículo Lattes[4]. Todo este percurso é feito em um ritmo intenso de competição com seus pares, uma vez que não existem espaços suficientes que abarquem a todos indistintamente. A pandemia não melhorou esta situação, pelo contrário, os cortes nas verbas destinadas às bolsas de iniciação científica, de incentivo à docência, de extensão, de mestrado, doutorado, dentre outras, acirrou a competição e aumentou demasiadamente o desperdício de tempo de muitos docentes e, por conseguinte, a competição nesse âmbito.

## 4 CONCLUSÃO

A pandemia acirrou a crise econômica ao modificar a forma trabalho, a máxima "ficar em casa" não é compatível com a dinâmica frenética da sociedade produtora de mercadorias, pelo contrário, abala as suas bases. Por seu turno, as consequências sociais para todos é intensa e, para os docentes universitários representa o acirramento, dentre outros, da dinâmica do tempo ao desenvolver suas atividades laborais em casa. A pandemia, assim, intensificou as condições de trabalho ao transformar o espaço físico das aulas, trazendo a universidade para dentro da casa de cada docente, o peso do fardo do seu trabalho os acompanha em todos os momentos: a nossa casa virou uma "universidade remota"!

A noção de tempo de produção docente, ainda que nem todo processo de produção gere valor, é resultado da dinâmica do trabalho produtivo. Por conseguinte, a noção de tempo de trabalho e tempo livre já não fazem mais sentido, uma vez que tempo de trabalho engloba toda atividade que o docente deve se dedicar e, com a

[4] Currículo preenchido em um único sistema de currículos virtual, a Plataforma Lattes. Plataforma criada e mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico brasileiro que integra os dados acadêmicos dos trabalhadores do país inteiro. É o modelo de currículo adotado e exigido pelas diferentes instituições de ensino, pesquisa e extensão no país.

pandemia, se confunde com seus afazeres pessoais, o que nos permite asseverar que o capitalismo se apropriou não só do tempo de trabalho dos docentes e das docentes universitárias, mas de seus espaços físicos também.

O tempo para a categoria docente, se torna um grande inimigo uma vez que o lugar que ocupa tem outras exigências, o que lhe obriga a adaptar-se sob pena de não cumprir com seu trabalho e, por conseguinte, ficar fora dos circuitos de trocas capitalistas, da dinâmica da vida social. Se já era difícil manter os tão propalados pontos no currículo, agora, precisa trabalhar muito mais para poder cumprir com as exigências em tempos de pandemia. Ressalta-se que, ainda que a pandemia passe, as consequências deste processo serão visíveis. Precisamos repensar o tempo como categoria definidora das nossas relações sociais, o que não é nenhuma novidade uma vez que a discussão já se encontra posta entre aqueles que lutam por novos modelos societários que neguem a forma mercantilizada de vida que se apropria do nosso tempo e do nosso espaço apenas para concentrar riquezas nas mãos de poucos. A novidade do nosso tempo histórico é a pandemia que insiste em não passar o que causa um sentimento de impotência em todos e todas. A luta se torna imperativa para que possamos continuar nossa trajetória contra as correntes do capital que teimam em nos aprisionar e, sabemos muito bem, são incontroláveis.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iara Soares de. BRANDÃO, Viviane B. Granda. Trabalho e renda no contexto da Covid-19 no Brasil. **Revista Prâksis**. Mai-ago.2021. Disponível em https://periodicos.feevale.br /seer/index.php/ revistapraksis/article/view/2545 Acesso em: 28 de julho de 2021.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Rev. Adm. Pública.** Jul-Agost. 2020. Disponível em https://www.scielo. br/j/rap/a/ SGWCFyFzjzr DwgDJYKcdhNt/ ?format=pdf&lang=pt Acesso em: 12 de Julho de 2021.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 1997.

KREIN, José Dari; BORSARI, Pietro. **Pandemia e desemprego**: análise e perspectivas. Disponível em: https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2020/05/02.pdf

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Vol. I, Tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: https://www.who.int/eportuguese /co untries/bra/pt/ Acesso em: 20 mar. 2021.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social**: uma interpretação da teoria crítica de Marx. Tradução Amilton Reis, Paulo Cézar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.